

CRÓNICAS DE UMA ELEIÇÃO FALHADA

Moçambique, Outubro de 2014

LOCALIDADE: ILHARUHO, LEVATEA LOCALIDADE: ILHARUHO, LEVATEA

Código da Assembleia de Voto
(Nº do Cadastro Principal)

0	3	0	0	1	0	2

Nº dos Cadastros Complementares

ELEIÇÕES GERAIS E DAS ASSEMBLEIAS PROVINCIAIS

	PR		AR		AP
Número de Votos	515	Número de Votos	515	Número de Votos	515
Número de Votos na Urna	515	Número de Votos na Urna	515	Número de Votos na Urna	515

Assinatura dos Membros da Mesa e Carimbo

Presidente: [Assinatura] Vice-Presidente: [Assinatura] Secretário: [Assinatura] 1. Escrutinador: [Assinatura] 2. Escrutinador: [Assinatura]

Relatório de Investigação nº 1

Crónicas de uma Eleição Falhada

Moçambique, Outubro de 2014

Editor

Luís de Brito

Autores

Bernardino António, Luís de Brito, Egídio Chaimite,
Salvador Forquilha, Carmen Fumo e Fidel Terenciano

Projecto “O Eleitor Evanesciente: Análise da participação/abstenção eleitoral em Moçambique”,
financiado pelo DFID

Relatório de Investigação nº 1

**Maputo
2015**

Título

Crónicas de uma Eleição Falhada -
Moçambique, Outubro de 2014

Editor

Luís de Brito

Copyright © IESE, 2015

Instituto de Estudos Sociais e
Económicos (IESE)
Av. Tomás Nduda 1375
Maputo, Moçambique

Telefone: + 258 21 486043

Email: iese@iese.ac.mz

Website: www.iese.ac.mz

É proibida a reprodução, total ou parcial, desta
publicação para fins comerciais.

As fotos não creditadas são da autoria dos
membros da equipa de pesquisa.

Maputo, Junho de 2015



Nampula

A afluência popular ao local do comício de Afonso Dhlakama para o encerramento da campanha começou muito cedo.

INTRODUÇÃO

Desde as primeiras eleições multipartidárias de 1994, tem-se registado uma diminuição da participação dos eleitores, com o nível de abstenção nos últimos três processos eleitorais a situar-se à volta dos 60%. Este número sobe para cerca de 70%, se considerarmos não apenas os eleitores oficialmente recenseados, mas a totalidade dos potenciais eleitores, isto é, o conjunto dos cidadãos nacionais com idade igual ou superior a 18 anos. Esta desafeição sistemática da maioria dos potenciais eleitores é reveladora da fraqueza da construção de um Estado democrático em Moçambique e fragiliza fortemente a legitimidade dos governos saídos de tais eleições. Mais ainda, ela contribui para a criação de um ambiente favorável à expressão de reivindicações políticas fora do quadro democrático definido pela

Constituição, que culminaram, em 2013 e 2014, com uma situação de confrontação armada entre as forças de defesa e segurança do governo e militares da Renamo, o principal partido da oposição. Neste contexto, compreender os factores da abstenção é evidentemente uma questão cujo interesse não é meramente académico.

O projecto de pesquisa “O Eleitor Evanesciente: Análise da participação eleitoral/abstenção em Moçambique” foi formulado com o objectivo de sistematizar e desenvolver o conhecimento do fenómeno da abstenção no país. Um dos primeiros objectivos do projecto é contribuir para uma melhor compreensão do contexto

histórico e político da abstenção. Assim, na fase inicial do projecto, que coincidiu com a realização das eleições presidenciais, legislativas e de membros das assembleias provinciais de 15 de Outubro de 2014, a equipa de pesquisa desdobrou-se em dois grupos de trabalho que acompanharam o final da campanha e a votação em dois distritos: Manjacaze, situado na província de Gaza, no Sul do país, e historicamente caracterizado por uma hegemonia total da Frelimo, que aí tem obtido votações na ordem dos 90%; Murrupula, situado na província de Nampula, na zona Norte do país, onde se tem registado historicamente um maior equilíbrio entre a votação da Frelimo e a da Renamo. Tratava-se de colher informação sobre o ambiente em que se desenrolava a eleição no seu momento mais crucial e, ao mesmo tempo, preparar as fases subsequentes do projecto.

A experiência deste período de trabalho de campo foi de uma grande riqueza. A vivência do ambiente vivido nos dois distritos, as numerosas conversas tidas durante os momentos mais críticos do processo eleitoral com simples cidadãos, mas também com responsáveis e militantes políticos locais e com membros dos órgãos de administração eleitoral e das mesas de voto, proporcionou-nos uma compreensão muito mais profunda e realista sobre alguns dos problemas que têm

caracterizado as eleições moçambicanas do que seria possível ter sem este tipo de observação directa. Foi, assim, possível entender melhor como a desorganização e a fraude que se registaram um pouco por todo o país fizeram do processo eleitoral de 2014 um falhanço. Com efeito, depois do reacender do conflito armado entre a Renamo e a Frelimo e de mais um acordo político que permitiu relançar o processo eleitoral, esperava-se que as eleições pudessem contribuir para resolver as tensões existentes e assegurar uma legitimidade democrática ao governo eleito. Tal não foi o caso e o país volta a viver momentos de forte instabilidade política, com sérios riscos de novos episódios de violência armada.

O presente relatório procura partilhar o conhecimento adquirido de uma forma simples e o mais próxima possível da nossa experiência. Por isso optámos por organizá-lo em pequenas secções temáticas, constituídas por histórias curtas e relatos que transmitem uma parte do que observámos, assim como os testemunhos de numerosos cidadãos. Delas podemos perceber desde já a existência de diferenças significativas entre os dois distritos no que se refere ao comportamento dos cidadãos, dos militantes e simpatizantes dos partidos e dos agentes da administração eleitoral.

SECÇÃO 1

Hegemonia da Frelimo em Gaza

A história da luta de libertação e a guerra civil marcam profundamente a orientação política das populações da província de Gaza

Desde as primeiras eleições multipartidárias, em 1994, a Frelimo tem sempre obtido na província de Gaza votações superiores a 90%. Os textos desta secção ilustram dois dos principais mecanismos de identificação da grande maioria da população com a Frelimo que se traduzem nessa hegemonia esmagadora.

Em primeiro lugar e de maneira mais imediata, temos as memórias da guerra civil que devastou o país logo após a proclamação da independência. Uma boa parte da população viveu - e não pode esquecer - os momentos particularmente difíceis de um conflito armado que naquela região foi caracterizado por uma violência extrema, protagonizada essencialmente pelas forças da guerrilha da Renamo. Essa memória, que vai sendo transmitida às novas gerações, alimenta um ambiente social particularmente adverso não só à implantação da Renamo, mas também, por extensão, de outros partidos da oposição.

Em segundo lugar, temos uma forte ligação e identificação com a Frelimo resultante do facto de uma parte significativa da sua liderança histórica, desde os tempos da luta de libertação, ser oriunda de Gaza. Em particular, destacam-se as figuras dos três primeiros presidentes da Frelimo, Eduardo Mondlane, Samora Machel e Joaquim Chissano, todos naturais desta província.

Memórias da Guerra

Manjacaze

Um dos assuntos que mais se abordava entre os nossos interlocutores era referente à questão da guerra.[1] O assunto era recorrente, quer entre os mais idosos, quer entre jovens e adolescentes. Conversando num estabelecimento comercial, foi-nos explicado por um senhor que, quando a guerra se intensificou, se encontrava em Xai-xai, de onde era natural, e que lá a guerra era menos intensa em comparação com Manjacaze:

“Nós lá tínhamos muitos soldados, o que fazia com que os bandidos pouco atacassem, mas nas zonas rurais eles iam sempre para lá para se abastecerem”.

Entrando na conversa, uma senhora disse:

“Não ouvi nada de ataques na cidade [Xai-Xai], porque lá tinham muitos homens e era difícil entrar, mas aqui [Manjacaze] nós passámos muito mal. Veja que tínhamos três bases muito próximas daqui e os ataques eram sucessivos”.

Residente na vila desde a independência, lembrava-se de quando iniciaram os ataques:

“A primeira vez que chegaram cá eram muitos, eram mais ou menos uns 100, quando aqui só tínhamos menos de 20 para nos defender. Estavam bem armados e os homens do governo nada podiam fazer para impedir os ataques”.

Militante assumida da Frelimo, explicou que teve informação da chegada dos homens da Renamo no partido e que fugiu com as crianças para a lagoa, onde as escondeu. Voltou a casa para buscar uma manta e quando chegou de novo ao seu esconderijo, duas das suas crianças haviam desaparecido. Procurou-as durante uma semana e só as reencontrou quase a entrar em Inhambane. Fez ainda menção a um ataque ocorrido em Agosto de 1987 e à forma como a guerra contribuía

para a sua oposição à Renamo:

“Por isso está ver minha filha, como vamos aceitar outros partidos aqui? A forma como atacavam aqui era diferente dos outros sítios. Aqui eram cruéis. Tudo aqui que você está a ver aqui aberto, foram incendiadas e estavam em ruínas. Qualquer homem ou mulher era usado para carregar o que roubavam nas lojas antes de queimarem. Se reclamassem que estão cansados, os militares diziam ‘pelo menos não vais morrer de doença’ e era morto. Agora na cidade de Xai-Xai, porque tinham muito apoio policial, eles tinham muito medo de chegar”.

Foi ainda mais explícita quando correlacionou a dinâmica da guerra à oposição e intolerância com relação à Renamo e demais partidos da oposição: “Para o multipartidarismo entrar aqui, só depois da nossa geração que viveu a guerra de verdade morrer. Só assim, porque eu nunca vou votar nesses, mesmo que o projecto seja reconstruir a cidade para que as crianças não saibam o que passámos de verdade”.

[1] Trata-se da guerra civil de 16 anos que opôs a Renamo ao Governo da Frelimo.



Todos aqui somos da Frelimo

Manjacaze

Porque a nossa intenção era visitar todos os sete postos administrativos do distrito, escolhemos o dia 10 de Outubro para o efeito. Primeiro, fomos a Chalala e Macuácuá, na companhia de um colaborador local. Como ainda era cedo, optámos por descer até um estabelecimento comercial, onde encontrámos uma das senhoras com quem já havíamos conversado anteriormente. Então, em conversa, comentamos sobre as ruínas e a possibilidade delas poderem ser um atractivo turístico, tendo ela dito de imediato: “Quem vai fazer isso? Sabe o manjacaziano é santo, santo, santo! Por isso estamos assim, pobres, porque tudo para nós é normal”.

No caminho para Macuácuá fomos abordando algumas pessoas com as quais fomos conversando. No museu de Mwadjahane, por exemplo, encontrámos um grupo de senhoras a quem perguntámos se iriam votar no dia das eleições. Enquanto respondiam, apareceu um senhor que disse: “todos temos de ir votar. É lei e todos devem cumprir”. Continuando, disse: “tens dinheiro para me dar para eu comprar cigarros?” Quisemos então saber se não trabalhava. Respondeu-nos: “Não! É que, o único sítio era no museu, mas, não tinha capacidades, porque não sabia falar português”. No mesmo instante, um jovem que acompanhava a conversa, após o senhor fazer referência ao museu, exclamou: “trabalhar aonde! Aqui não há nada, todos são pobres. Ali querem pessoas que estudaram. Eu e estes aqui não estudámos porque não há escolas por aqui. O governo, o governo é que tem empregos para nós, mas vai nos dar quando quiser. E não podemos fazer nada. Mas vão-nos dar; eles estão a fazer outras coisas”. Com efeito, ficámos a saber que as senhoras já haviam recebido a indicação em quem deveriam votar e que não poderia ficar ninguém em casa, pois os líderes locais estariam na fontenária para recrutarem as pessoas para os postos de votação.

Continuámos a viagem e, porque estava muito quente,

parámos num pequeno estabelecimento comercial à beira da estrada, onde aproveitámos para conversar com um senhor. Procurámos saber se era natural dali e respondeu que sim. Disse-nos que, por causa da guerra, se tinha ausentado para a vila sede, por um longo período e que só tinha voltado após o término da guerra. Segundo o nosso interlocutor, a guerra ali foi muito forte, quase todos haviam fugido para a vila, mas, mesmo lá, a situação não estava fácil. Perguntámos-lhe depois como tinha sido a campanha eleitoral e se outros partidos tinham feito campanha naquela zona. A sua resposta foi elucidativa:

“Onde? Aqui? Não! Vocês não estão a perceber. Esses não hão-de vir aqui e nem vamos deixar. Todos aqui somos da Frelimo! Somos a Frelimo nós! Não entra mais ninguém aqui, só Frelimo”.



Ver bem quem manda aqui

Manjacaze

Quando revisitávamos os postos de votação no dia 16, depois da votação, passámos pela EP1 Cimento, em Manjacaze. Numa das mesas, o polícia e alguns membros dormiam fora da sala, esperando pelas viaturas do STAE que viriam recolher o material da eleição. Noutra sala, o presidente e vice-presidente de uma outra mesa cantavam a vitória da Frelimo e de Nyusi. Contavam a um polícia como durante a contagem colocavam os votos de Nyusi bem na cara do [delegado e escrutinador do] MDM (Movimento Democrático de Moçambique) para ele “ver bem quem manda aqui. Era só dizer Nyusi e passar na cara dele. Nyusi ... Nyusi...”

Eles não se incomodaram nada com a nossa presença e continuaram exaltando a Frelimo e Filipe Nyusi enquanto relatavam como procediam durante a contagem. Não só se vangloriavam, mas também se riam de um jovem conhecido por ter aceitado ser delegado do MDM. Uma jovem dizia ao presidente que lhe tinha perguntado se ele era maluco para aceitar “trabalhar para aqueles” e que o melhor que poderia fazer era estar quieto durante o processo eleitoral.

Estas palavras não eram vãs, pois pudémos ver os escombros da sede local do MDM que tinha sido incendiada há pouco tempo.



SECÇÃO 2

Controlo político e fraude

O domínio partidário sobre o Estado e a administração pública é um dos elementos de controlo político e eleitoral em benefício do partido no poder

Como vimos na secção anterior, a hegemonia da Frelimo em Gaza tem fortes raízes históricas. Mas, ao mesmo tempo, essa hegemonia reproduz-se através de uma série de dispositivos que ela própria permitiu que se instalassem. Nesta secção pode-se constatar que a liberdade de palavra e, naturalmente, a liberdade política que deve caracterizar uma sociedade democrática, são praticamente inexistentes em Gaza.

O nosso trabalho de campo permitiu observar o medo que muitos cidadãos têm de exprimir sem constrangimentos as suas opiniões. Vimos como os serviços de segurança assumem uma postura partidária em favor do partido no poder, como grupos de jovens mais ou menos marginais são usados para acções de intimidação, por vezes com recurso à violência, como os líderes comunitários locais e outros responsáveis administrativos exercem um controlo estreito, por vezes ultrapassando os limites da intimidação indirecta, sobre as comunidades, como pseudo-observadores eleitorais se prestam a colaborar na fraude eleitoral e como algumas disposições centrais da legislação eleitoral são deliberadamente violadas abrindo o campo para a viciação dos resultados eleitorais. Pudémos ver que alguns destes dispositivos, nomeadamente o recurso aos líderes comunitários em favor do partido no poder, eram igualmente usados em Murrupula, ainda que em menor escala, sem dúvida porque o ambiente de apoio à Frelimo é bem mais fraco aí do que em Gaza.

O gordo e o magro

Manjacaze

No segundo dia da nossa estadia, dia 8 de Outubro de 2014, saímos até Xai-Xai, onde íamos tratar das credenciais para a observação eleitoral. Depois de submeter a documentação, encontrámo-nos com o representante de uma organização da sociedade civil local, num dos hotéis da cidade. Falávamos de política e das peripécias do período eleitoral, quando, de súbito, o referido representante disse: “no lugar de partidos, use somente a letra A, B e C. E já compreendes a situação”. Não compreendemos o que queria dizer e pedimos que esclarecesse. Olhou para os lados e disse baixinho: “O A é o grande, a Frelimo, o B é a Renamo”. Entendemos então o receio de falar abertamente, pois havia uma equipa de campanha da Frelimo que passava a sua refeição no mesmo local. Mudámos de assunto, mas desde logo ficámos cientes que o ambiente na província não era nada favorável a uma livre discussão sobre questões de ordem política.

Três outras conversas despertaram a nossa atenção sobre as razões do aparente paradoxo do forte engajamento dos cidadãos de Gaza com o partido no poder, apesar da pobreza em que a maioria dos cidadãos locais se encontram mergulhados. Um idoso, residente na vila de Manjacaze desde os princípios da década de 1970, começou dizendo: “Se com a Frelimo pelo menos sobrevivo, já fico feliz. Esses outros, se entram, primeiro, vão piorar as coisas e talvez um dia possam pensar em nós”. E prosseguiu: “ Você tem um gordo, que antes de ser gordo era magro, mas já está gordo e você sempre o vê gordo, apesar de poder ter seus problemas. Vem um magro que diz que quer lhe ajudar, vai confiar ? Eu não. Aquele vai querer comer primeiro. O gordo já comeu”.

Num outro momento, um jovem serralheiro residente na vila de Manjacaze, quando questionado sobre o aparente forte cometimento da população local com o partido no poder, respondeu-nos:

“ És casado, não és ? Então sabes que o casamento não é um mar de rosas. Nem tudo

corre bem e há muitos problemas. Mas, mesmo quando a senhora parece não prestar, não mudas. Ou mudas? Não mudas porque sabes que corres o risco de encontrar uma pior e seu ciclo de mudanças e de problemas nunca ser quebrado”.

Na mesma linha de pensamento, uma outra jovem de Chibuto considerou que a Frelimo é como um pai e, como tal, não se muda: “você poderia mudar de pai ou de apelido se tivesse problema? É o mesmo que acontece com o partido”.



Foto noticias.sapo.mz

A visita do SISE

Manjacaze

Visitámos Chalala e o Museu Aberto de Nwanjahane (local de nascimento de Eduardo Mondlane, primeiro presidente da Frelimo), onde fomos recebidos pelo responsável e por um dos seus guias no dia 11 de Outubro. Segundo eles, estavam à espera de uma visita proveniente do Maputo, facto que fez com que pensassem que fôssemos nós. No decorrer da visita ao museu, ficámos a saber que na verdade esperavam por uma equipa do SISE, que, como explicitou o guia, "vem fazer o seu trabalho político".

Mais tarde, voltando de Macuácuca para a vila sede de Manjacaze, deparámo-nos com uma caravana encabeçada por um alto dirigente do partido no poder, que nos convidou para o "showmício" do início da noite, junto do Mercado Eduardo Mondlane. Ao fim do dia, dirigimo-nos para lá e juntámo-nos a multidão, que festejava ao som da música. Tirámos uma foto, o que fez com que um jovem bêbado que, depois de falar com um dos membros da caravana, se aproximou para nos importunar. Passados alguns minutos, decidimos sair e, pelo caminho, encontrámos alguns adolescentes que, juntamente com o tal bêbado, estavam ocupados a retirar panfletos do MDM e a colar por cima os panfletos da Frelimo. Passou um polícia, que esperávamos que interviesse, mas nada mais fez senão cumprimentar o grupo e partir na boleia de uma motorizada que mandou parar.

Continuámos o nosso caminho em direcção ao local onde estávamos hospedados e, chegados ao local, deparámo-nos com dois jovens parados a poucos metros. Decidimos, então, ir directamente para os quartos. Porém, parámos no corredor a conversar e, eis que um dos jovens apareceu repentinamente e teve um comportamento estranho, abrindo a porta do seu quarto

sem entrar, aproximando-se depois para abrir uma torneira e fechá-la logo de seguida. Vendo que ele ficava por ali, saudámo-lo e, curiosamente, não respondeu à nossa saudação e retirou-se olhando fixamente para o caderno que tínhamos na mão. Isto fez com que pensássemos que talvez fizesse parte do grupo dos homens do SISE, de que nos tinham falado em Chalala. Pouco depois, ao sairmos para jantar, encontrámo-lo de novo, desta vez tentando buscar informação junto do recepcionista sobre a nossa proveniência e tendo mesmo levado os papéis que preenchemos quando chegámos para uma mesa onde estava um seu colega.



Grupos de choque

Manjacaze

Em várias eleições e em diferentes sítios, nas campanhas eleitorais da Frelimo, se ouviu falar de “grupos de choque”. Os testemunhos recolhidos revelam não só a sua natureza, mas igualmente o seu papel fundamental como parte do dispositivo destinado a garantir, neste caso pela violência, as condições de hegemonia total do partido numa determinada área.[1] Dois dos nossos interlocutores abordaram espontaneamente nas nossas conversas a questão dos “grupos de choque”, um em Chibuto e outro em Manjacaze.

O primeiro, um senhor com idade aparentemente superior a 50 anos, que encontramos por acaso quando íamos a caminho de Manjacaze, começou por se referir às dificuldades que os partidos da oposição enfrentam para desenvolver as suas actividades políticas na zona de Chibuto e, de forma geral, em Gaza. Ele falou-nos de um candidato dos “Verdes” que, em 2004, tentou fazer campanha naquele distrito, mas foi impedido porque não queriam oposição ali. E, explicando, adiantou:

“O animal que estava como símbolo do partido do tal candidato era também uma ave e, por isso, as pessoas diziam: sendo ou não perdiz,[2] também come o nosso milho. Se é da oposição, tem que se esconder. Existem aqui, mas se escondem. Aqui não se brinca”.

Mais à frente, na conversa, referiu-se aos “grupos de choque” dizendo que “são marginais, consumidores de Tentação,[3] pessoas que não se importam em ir à cadeia. São esses que são usados para amedrontar os opositores. Se apareceres e te identificares com oposição, serás visitado por esses marginais de noite”.

Os “grupos de choque” viriam a ser também referidos mais tarde numa conversa com um membro influente da Frelimo em Macuácuá, um dos sete postos

administrativos do distrito de Manjacaze. Aqui encontramos um professor a quem pedimos que nos falasse sobre o distrito e a sua história. Foi nesse contexto que ele nos falou da guerra, à qual associou o repúdio da população local à oposição: “Aqui a oposição não tem espaço”. Evitou referir-se o nome da Renamo, mas falou do MDM dizendo que se tratava de uma “ramificação, por isso é mesma coisa com o outro. Ninguém aparece aqui. Nós não brincamos aqui”, acrescentando em seguida que “nós temos um grupo de jovens que está sempre activo. Basta sabermos que há qualquer movimentação. É só ligar e dizer para saírem e bloquear os intrusos”.

Dele ficámos a saber que os “grupos de choque” existiam em todas as zonas e, à semelhança do primeiro interlocutor, referiu que este é composto por jovens marginais, sem emprego, “alcoólicos”, e especificou “que não têm nada a perder; bebem Tentação”. Disse que a estratégia é de incluir esta categoria de pessoas pois, por mais que a polícia decida prendê-los, acaba soltando-os, alegadamente porque são marginais reincidentes e indiferentes à prisão.

Sobre a forma de actuação desses grupos esclareceu-nos que, em geral, eles não atacavam directa e imediatamente os “intrusos”. Num primeiro momento, começavam por inviabilizar as suas actividades, fazendo barulho e ensaiando actividades paralelas no mesmo local onde os outros pretendessem desenvolver as suas com o objectivo de os irritar ao ponto de abandonarem o local, ou atacarem os membros do “grupo de choque”. Estas situações de provocação proporcionam-lhes a possibilidade de retaliar sob alegação de legítima defesa.

Nós próprios tivemos a oportunidade de verificar esse tipo de actuação, no dia 17 de Outubro, ainda na ressaca eleitoral, em Xai-Xai, no posto administrativo de Chongoene, quando nos encontrávamos nas imediações das instalações de uma organização da sociedade civil moçambicana cuja delegação provincial se encontra

localizada próximo dos escritórios do partido Frelimo. Depois de estacionar a viatura na berma da estrada e enquanto conversávamos com o representante da referida organização, surgiu, primeiro um indivíduo que se encostou à viatura e, apesar de simular que estava a falar ao telefone, era notória a sua tentativa de ouvir o que se conversava. Pouco depois, esse indivíduo, que trajava um chapéu do partido Frelimo, apontou a matrícula do nosso carro e saiu do local numa viatura com matrícula sul-africana. Já nos havíamos apercebido dos movimentos estranhos do indivíduo e o desconforto era total. Esse desconforto aumentou quando, cerca de 5 minutos depois, a viatura do referido indivíduo voltou, estacionou atrás da nossa e dela desceram mais três acompanhantes, ao mesmo tempo que o rádio era ligado em alto volume. Reforçava-se a nossa convicção de que podia mesmo tratar-se de um dos famosos “grupos de choque” e por isso decidimos abandonar o local para, andadas algumas centenas de metros, notarmos que um dos nossos pneus estava furado. Ficámos com a impressão de que, contrariamente ao que um dos nossos dois interlocutores dissera, não era preciso anoitecer para que um “grupo de choque” actuasse.

[1] Embora haja referências esporádicas a “grupos de choque” noutras províncias, é na província de Gaza onde se regista uma acção sistemática desses grupos.

[2] Referência ao símbolo da Renamo.

[3] Marca de uma bebida popular, barata e fortemente alcoólica.



Votar em casa do Chefe

Manjacaze

Era dia de encerramento da campanha e muitos dos dirigentes do partido Frelimo haviam rumado a Xai-Xai. Por isso, estranhando a presença de um responsável partidário local, questionámo-lo porque permanecia em casa: “Eu não fui, mas toda estrutura está lá, todos chefes dos postos. Eu fiquei porque estou a espera de uma delegação do STAE para ver aquela casinha (indicava uma casa dentro de seu quintal) que construímos para o processo de votação”. Repisou que podíamos andar por todo posto, que nem um panfleto da Renamo iríamos encontrar e que não havia espaço para outro partido, porque

“aqui aquele que acha que não é da Frelimo, que vá viver lá; que saia daqui que nós não o queremos aqui, nem como vizinho. Nós vamos às casas e todos já sabem como votar e em quem votar: Filipe Jacinto Nyusi, o nosso candidato”.

Falou ainda da importância da província por terem nascido lá Mondlane, Samora e Chissano e que qualquer candidato da Frelimo teria que lá ir para receber o poder da terra: “Aqui somos nós que damos poder, mesmo Guebuza veio aqui agora a Macuácuá. Está ver Nyusi? Não veio agora aqui, mas quando ganhar há-de vir, como Guebuza, agradecer-nos pessoalmente. Nunca nos esqueceu, porque sabem que esta terra contribuiu para libertar o nosso país”.

Falou que, com a amnistia, todos deveriam perdoar-se uns aos outros, vivendo como irmãos. Quando quisemos saber a sua opinião sobre a presença no dia de eleições de membros das mesas de voto indicados pelos partidos da oposição, disse que a presença deles não era problema, mas acrescentou:

“Que não atrapalhem nosso trabalho. Aqui quem manda somos nós. Mesmo esses delegados aqui, quem são? Havemos de saber este não é nosso. Sabemos que há-de vir com

fome e sede. Não têm nada aqueles. É só lhes mandar: vai ali comprar qualquer coisa, ali no Ncanhine (referia-se a outro povoado). Se quer água, vai ali na minha casa que a Frelimo nos deu... Ficarmos aqui a fazer nosso trabalho à vontade. São nossos rapazes aqueles”.

Voltámos lá no dia de votação e confirmámos o que havia sido dito. Encontrámos uma mesa no seu quintal, que os próprios membros da mesa não sabiam como identificar. Segundo eles, tinham apenas sido mandados para lá. Quando procurávamos esclarecer a questão da identificação e localização da mesa, era o professor, que não era membro da mesa, quem respondia, não deixando que os membros da mesa se explicassem. Segundo o professor, o local seria um escritório da Visão Mundial e de seguida ordenou que registassem nossos nomes, enquanto ia efectuando algumas chamadas. Decidimos então abandonar o local e seguir para a vila sede do distrito, com receio de uma intervenção de algum “grupo de choque”.

Logo do Partido/Coligação de Partidos /Grupo de Cidadãos	Votos obtidos	
	Algarismo	Extenso (Digito por Digito)
MDM	16	
RENAMO	3	
FRELIMO	331	
PASDI	1	

“Observadores” fraudulentos

Manjacaze

Eram cerca de três horas da tarde quando, no dia 15 de Outubro de 2014, o dia da votação, saímos em direcção a Chidenguele na companhia de dois colegas, um do Centro de Integridade Pública e outro do Observatório Eleitoral. Pelo caminho, nos locais de votação visitados, fomos observando a ausência quase total de escrutinadores e delegados da Renamo,[1] uma situação que se acentuava à medida que nos distanciávamos da vila. Havia numerosas mesas de voto sem qualquer representante daquela formação político-partidária. Ao contrário, a presença de membros da mesa, assim como de delegados da Frelimo era sistemática. O MDM dispunha, em geral, de membros das mesas, mas não de delegados. Também pudemos constatar vários casos de irregularidades e fraudes flagrantes. Por exemplo, numa escola do, Posto Administrativo de Nguzene, as filas eram organizadas por um líder comunitário, que não fazia parte dos membros das mesas de voto. Aqui, depois de votar, os eleitores ficavam todos no pátio da escola, onde preparavam refeições, sem serem incomodados pela polícia, ao contrário do que é habitual acontecer noutras regiões quando os eleitores querem ficar a “tomar conta” do seu voto... Ainda em Nguzene, numa outra escola, a secretária da mesa de voto estava na posse de dois boletins preenchidos a favor da Frelimo. Segundo o presidente da mesa, o objectivo dela era de os inutilizar, embora na verdade estivessem escondidos por baixo da sua cadeira!

Nas diferentes escolas por onde passámos, fomos sempre notando um frenesim quando chegávamos. Numa delas, o quarto escrutinador correu para alertar o presidente e, ao entrarmos, este mandou-nos esperar, enquanto passava pelas cabines. A frequência com que estas situações ocorriam despertou a nossa atenção. Foi graças a essa atenção que flagrámos um “observador” de uma organização da sociedade civil local a tentar escamotear a fraude numa escola de Chidenguele. Com efeito, já alertados pelos frequentes movimentos e

contactos entre os escrutinadores e os presidentes de mesa, ao chegar àquela escola, procurámos abordar directamente o presidente da mesa. Desprevenido, aquele não pôde conter a sua inquietação. Enquanto solicitava que nos identificássemos, ia olhando frequentemente para as cabines de voto, até que um “observador” se levantou e correu para uma delas, donde retirou alguns boletins que lá se encontravam expostos colocando-os por baixo da mesma. Era evidente que algo não estava bem naquela cabine. Um de nós dirigiu-se à cabine, pediu para que esta fosse levantada e lá encontrámos três boletins preenchidos a favor da Frelimo: um para o seu candidato presidencial, outro para assembleia provincial e outro para o Parlamento.

A reacção do “observador” e dos membros da mesa foi surpreendente. Segundo o “observador”, que desempenhava um papel que se podia equiparar ao de um porta-voz, um dos eleitores teria deixado os boletins por engano: “Foi aquela velhota que saiu há pouco. Não sabem votar esses...” E assim foi encadeando uma série de frases mais ou menos incoerentes. O nervosismo era patente e o presidente acenava com a cabeça em sinal de concordância com o “observador”. Sugerimos que retirassem aqueles boletins e os inutilizassem. Espanto maior ainda: foi mais uma vez o “observador” que assumiu o protagonismo, pegando num dos três boletins, que virou para colocar uma cruz por detrás e não na parte frontal. Sugerimos que pegasse nos três e riscasse na parte frontal, o que finalmente foi feito pelo presidente. Tirámos fotos dos boletins, da mesa e da assembleia e saímos para o pátio da escola.

O “observador” seguiu-nos, solicitou que lhe facultássemos os nossos nomes e contactos, e informou-se sobre a nossa proveniência. De seguida, pegou no telefone e rapidamente se dirigiu a uma outra mesa, onde conversou rapidamente com o quarto escrutinador, tendo

este entrado para a sala onde estavam os demais membros da mesa, enquanto o “observador” prosseguia a sua volta pelas demais salas...

Ficámos com a impressão de que os boletins ficavam permanentemente na cabine e se destinavam a servir de amostra para orientar o voto dos eleitores e que isto era feito sem quaisquer receios, apesar da presença do escrutinador do MDM, que parecia pactuar com as explicações do “observador”.

Lembrámo-nos entretanto dos “grupos de choque” e, com receio de represálias, tratámos de sair daquela escola e de Chidenguele, regressando à vila de Manjacaze, onde continuámos a constatar inúmeras situações anómalas.

[1] De acordo com a lei eleitoral, cada um dos três partidos com representação parlamentar tinha o direito de indicar um membro da mesa de voto. Esses membros da mesa indicados pelos partidos assumiam o papel de escrutinadores. Por outro lado, a lei previa igualmente o direito dos partidos concorrentes indicarem delegados seus para fiscalizarem a votação.



Foto Facebook do Projecto Txeca

Para facilitar o trabalho

Manjacaze

Quando passámos para ver os editais dos resultados da votação na escola de Macupulane constatámos uma situação curiosa. Em duas das três mesas existentes nesta escola, de onde alguns membros já se tinham ausentado, os resultados já estavam afixados quando chegámos, mas não havia resultados da terceira mesa.

Foi nesse momento que apareceu uma senhora dos seus 40 anos que, assustada, pedia ao polícia que estava no local para falar com os membros da mesa porque ela não havia votado. Segundo ela, tinha estado na machamba e pedia só para pintar o dedo, para poder voltar a sua casa sem ter problemas por não ter votado. A delegada da Frelimo explicou-lhe que o período para votar já havia passado e que nada poderia fazer.

Entretanto, apesar de ter sido a primeira a terminar a contagem, antes das três da manhã, passou mais de uma hora até que o presidente da mesa decidisse afixar os editais e isso só depois de ter falado mais de vinte minutos ao celular.

Deixámos aquele local e dirigimo-nos a outras mesas, em Mazucane e Chidenguele. Aí, em dois locais de votação onde havia, respectivamente, três e cinco mesas. só encontramos dois editais no primeiro caso e apenas três no segundo, mas com um número de eleitores mais elevado do que deveria ser. Foi-nos depois explicado que, havendo algumas assembleias com muito poucos eleitores, a Comissão Distrital de Eleições terá decidido juntar algumas assembleias de voto, como nos foi dito, “para facilitar o trabalho”. Apercebemo-nos depois que este tipo de prática também aconteceu em outros locais de votação.



Garantir a vitória da Frelimo

Murrupula

No dia das eleições, na EPC de Tapatero, logo na entrada do recinto da escola, encontrámos um líder comunitário a orientar as pessoas para as suas mesas de votação. Então, perguntámos-lhe se já tinha votado. Respondeu que tinha sido uma das primeiras pessoas a votar, mas que estava ali para orientar as pessoas de modo a localizarem as suas mesas de votação com facilidade. Explicou ainda que havia uma infelicidade no povoado e que o secretário do bairro estava a cuidar do funeral, enquanto ele tinha a missão de “facilitar as pessoas”, de forma a votarem cedo e se dirigirem às cerimónias fúnebres. Na verdade, mais do que facilitar, constatámos que este líder comunitário estava a mobilizar os eleitores para irem votar. De facto, mais adiante na conversa, contou-nos que ele e seus colegas tinham recebido a missão de garantir a vitória da Frelimo naquele local de votação e que, por isso, ele estava empenhado na mobilização activa dos eleitores.

O mesmo aconteceu no posto administrativo de Nihessiue, onde, quando chegámos por volta das duas horas da tarde, encontrámos dois líderes comunitários junto da porta do local de votação, onde procuravam orientar os eleitores que chegavam mostrando as suas mesas de votação. Quando questionados porque não tinham voltado para as suas casas depois de terem votado logo as sete horas da manhã, responderam que estavam ali para controlar e ver quem veio, ou não veio, votar.

Quando nos dirigimos ao posto Administrativo de Chinga, também constatamos a presença de um líder comunitário (secretário do Bairro) na assembleia instalada na escola primária de Chinga. O líder estava sentado por baixo de uma árvore a observar o processo de votação a uma distância considerável, mas a posição em que ele se encontrava era bastante visível, pois, qualquer eleitor presente naquele recinto podia vê-lo.

Durante a campanha eleitoral já tinha sido visível o engajamento dos líderes comunitários na campanha da Frelimo. No posto administrativo de Nihessiue, por exemplo, visitámos o régulo Lepha, que ascendeu à posição de régulo em substituição do seu tio. O regulado Lepha é dos mais antigos de Murrupula e vem da época colonial. Aliás, a casa em que o régulo Lepha vive actualmente é um edifício construído pela administração colonial, destinado para a residência do régulo. Durante a guerra civil o edifício esteve abandonado. Com a institucionalização dos líderes comunitários, no período pós-guerra civil, o edifício foi restaurado pelo Governo e novamente entregue ao régulo Lepha. Na conversa, quisemos saber como estava a decorrer o seu trabalho como líder comunitário e a resposta dele foi surpreendente. Nas suas palavras:

“Aqui tudo está a correr bem. Nestes dias de campanha temos trabalhado muito com o Sr. Administrador. Temos ido com brigadas às povoações para fazer campanha para o nosso candidato [Nyusi]”.

Na verdade, quando perguntámos sobre o trabalho do régulo, nós esperávamos que ele nos falasse do seu papel de ligação entre as comunidades e administração local. Mas, para o régulo Tocolo, falar do seu trabalho era falar do trabalho partidário.



SECÇÃO 3

Propaganda eleitoral

A distribuição de roupa como material eleitoral parece ter um efeito relativamente modesto na mobilização para o voto

Nos períodos eleitorais, os partidos e em particular a Frelimo, que dispõe de recursos financeiros muito superiores aos restantes, recorrem em grande escala à distribuição de material de propaganda, nomeadamente camisetas, capulalas e bonés. Curiosamente, a distribuição desses materiais, que obviamente é limitada, num contexto de pobreza parece ter alguns efeitos contraproducentes, na medida em que algumas expectativas são frustradas pelo sistema e prioridades de distribuição decididos localmente.

Também nos apercebemos que em algumas zonas, especialmente onde existe um grau relativamente elevado de tolerância política, esse material é considerado apenas na sua qualidade de simples roupa, sem que isso signifique uma adesão ao partido patrocinador.

Camisetas

Manjacaze

O tema das camisetas[1] era frequente nos discursos dos nossos interlocutores, sobretudo os mais jovens, que, entre outros aspectos, reclamavam sobre a forma e os critérios da sua distribuição. Alguns denunciavam a corrupção dos dirigentes locais:

“ As camisetas, por exemplo, podes encontrar um director da escola que tem sacos cheios, ele e seus próximos, mas os professores não têm nada. Aqui ficaram com vergonha quando veio o Nyusi para campanha e fizeram questão de distribuir algumas para a população, para Nyusi ver que estavam a trabalhar, mas dão-se entre eles. Eu mesmo nunca tive uma camiseta”.

Uma jovem residente no posto administrativo de Chimbozana, quando questionada sobre o impacto da alegada “má distribuição das camisetas” na sua intenção de voto, comentou: “ (...) o coração de alguém é uma ilha, só a pessoa sabe o que quer fazer.”.E continuou: “Esses são espertos. Quando é para fazer campanha chamam a todos, mas, quando é para dar camisetas escolhem-se entre eles. Até perguntei na reunião porque não nos dão. Disseram que não é para qualquer um. Eu disse: no dia de votação hão-de ir vocês votar”.

A intenção de não votar foi também referida por outro jovem de Poiombo, no distrito de Xai-Xai. Este começou por abordar a questão das dificuldades do dia-a-dia, entre as quais o desemprego e a pobreza extrema, vincando que só agricultura era o refúgio, ou a emigração para a África do Sul, ou Maputo. Disse ainda que não via melhoria nas condições de vida e que, por isso, muitos jovens estavam desanimados. Como os precedentes, também se referiu à questão das camisetas:

“Mesmo camisetas se distribuem entre eles. Veja: Aqui na aldeia tem 3 bairros. Vieram dar camisetas num só e outros não ? Porquê ? Energia, por exemplo, só tens aqui na estrada e

mais nada. Porquê ? Esses só nos querem quando são eleições, mas as pessoas estão cansadas. Não vemos nenhum interesse em votar”.

Existe, no entanto, uma ideia que a distribuição de material de propaganda, como as camisetas, ou de refeições como mecanismos para conquistar o voto é eficaz. Para o representante da organização da sociedade civil a que nos referimos acima, a pobreza na província coloca as populações numa situação de extrema vulnerabilidade e “até com um prato, as pessoas se vendem aqui”.

[1] A distribuição de camisetas, capulanas, lenços, bonés e outro material de propaganda é uma prática muito utilizada pelos partidos, com destaque para a Frelimo, nas suas campanhas como forma de promover a sua imagem e obter apoio nas eleições.



Vestir Frelimo, votar Renamo

Murupula

Quando circulávamos na vila, vimos um jovem comerciante no “Mercado do Controlo” que trajava uma camiseta da Frelimo, mas que apresentava um discurso anti-Frelimista, afirmando categoricamente que ia votar na Renamo,. Quando o questionámos sobre a camiseta que trazia, tendo em conta a sua aparente orientação partidária, disse:

“A Frelimo tem dinheiro, está distribuir camisas e eu não posso negar. É roupa. O facto de usar camisa da Frelimo não quer dizer que sou da Frelimo. O voto é secreto...”



SECÇÃO 4

Economia, emprego e política

A avaliação negativa do desempenho do governo ainda não parece ser um elemento decisivo na formação do voto, especialmente nas zonas de hegemonia da Frelimo

Mesmo nas zonas de maior influência da Frelimo há manifestações de insatisfação com o governo, especialmente devido à falta de emprego e de oportunidades de melhoria da situação económica, o que reflecte em grande medida a ineficiência das políticas públicas para a redução dos níveis de pobreza. No entanto, em Gaza, a avaliação muito negativa da acção governamental, amplamente partilhada no seio da população, parece não interferir - ou talvez apenas marginalmente - nas opções de voto. De facto, apenas no seio da juventude mais urbanizada e pobre foi possível observar a vontade de apoiar um partido da oposição, o MDM. Já em zonas onde a Frelimo não é historicamente dominante, igualmente confrontadas à situação de pobreza e de falta de emprego, a vontade de “votar para a mudança”, isto é de votar na oposição (especialmente a Renamo), era muito mais evidente.

Três outros aspectos nos chamaram a atenção durante o trabalho de campo pelas suas implicações de ordem política. Por um lado, a tensão que existe entre os naturais de uma determinada zona relativamente ao facto de os poucos empregos localmente disponíveis serem ocupados por pessoas de outras zonas, ainda que próximas; por outro lado, as expectativas frustradas em relação aos financiamentos dos “7 milhões” e a consciência do sistema de corrupção e clientelismo político e familiar que frequentemente preside à sua distribuição; finalmente, a influência e o controlo que o partido no poder exerce, através da instrumentalização dos serviços do Estado, sobre o sector formal da economia, em particular nos meios pequenos.

Desilusão com o governo e voto na Frelimo

Manjacaze

Durante a nossa estadia no distrito, tivemos a oportunidade de constatar que um número considerável de pessoas, através dos seus discursos, mostravam estar desiludidas com o Governo. No entanto, apesar dessa desilusão, continuavam a expressar lealdade ao partido Frelimo.

Em conversa com uma trabalhadora de um dos estabelecimentos comerciais em Manjacaze, esta confidenciou-nos que as pessoas eram muito fiéis e que não viam nenhum problema, visto que amam o partido (Frelimo). Nas suas palavras: “ aqui (em Manjacaze) as pessoas são fiéis ao partido porque é um lugar histórico. Somos os fundadores e donos deste país”. Continuou esclarecendo:

“É daqui que saiu Mondlane. Do outro lado, em Chokwé, Samora. Vês aqui em frente (indicando uma casa)? É a casa do grande herói, o primeiro Governador daqui, Matavel. Mas, como podes ver, não temos nada. É estrada isto? Aqui perto aqui, não temos nem energia enquanto até mesmo Macuacua, que é longe, tem energia”.

Insistimos na aparente contradição e, sobretudo, questionámos a continuidade do engajamento com a Frelimo, ao que ela respondia repetidamente: “o que vamos fazer? O que vamos fazer?”.



Insatisfação no mercado

Manjacaze

No segundo dia do trabalho, quando íamos de Manjacaze para Xai-Xai, ligámos a um jovem com quem pretendíamos conversar. Como ele ia para Chonguene dissemos-lhe que poderíamos dar-lhe boleia, pois assim poderíamos aproveitar a viagem para conversar. Na conversa, falou-se do mercado como um local peculiar porque ali podiam ser vistos cartazes e bandeiras de diferentes partidos. O nosso interlocutor disse que: “apesar de nestas eleições poder-se ver algumas bandeiras içadas lado a lado (MDM e Frelimo) em lugares como o Mercado Eduardo Mondlane e fora do mercado, entre os informais, não quer com isso dizer que haja uma convivência pacífica e tolerância política, porque há casos de escaramuças”.

Soubemos também que antes o mercado era composto por barracas de autoconstrução, que foram depois melhoradas pelo Conselho Municipal. O município retirou as pessoas e prometeu que estas poderiam voltar depois da reabilitação. Porém, depois de melhorado o mercado, alguns perderam as suas bancas, outros ainda, viram os seus espaços reduzidos a metade, e muitos acabaram preferindo usar o espaço exterior para vender. Isto - e a forma - como a polícia municipal actua contra eles desagrada-lhes, como se depreende das afirmações de um jovem com cerca de 19 anos:

“O município manda carros, estragam tudo. Até carrinha deles pisam com carro para não aproveitarem nada. Batem com chamboco. É aí onde o MDM começou a entrar e eles é que perderam pessoas. Nas eleições passadas MDM deu dinheiro mesmo; dar dinheiro pessoas que foram batidas para recuperarem seus negócios. Muitos deles depois começaram a tratar cartões de membro (...) Estão muito zangados com o partido e por isso agora não lhes mexem. Ali fora do Eduardo Mondlane ninguém vende nada. Agora só estão parar pouco para votarem neles, mas depois disso vais ver”.

Mais tarde, conversando com um membro do MDM, este explicou-nos ainda que esse grupo dos discriminados – os vendedores ambulantes – foi

capitalizado pelo MDM. E que assim o partido se vai afirmando, e que por isso a Frelimo já não gosta do mercado, que tentou usar como bastião, mas não conseguiu:

“Diferentemente do partido no poder, que traz pessoas dos postos (administrativos) para receberem o seu líder, quando veio (Daviz) Simango, as pessoas aqui da vila estiveram presentes. A vila ficou parada com Simango e não com Nyusi. Com Nyusi evitaram passar pelo mercado e ele só se reuniu com os que vivem nos postos. Nem ficou uma hora só”.



Falta de emprego

Murrupula

Ao chegarmos à vila, no dia 8 de Outubro de 2014, passámos por um mercado conhecido como "Mercado do Controlo", que se situa à entrada da vila. Aproximando-nos, constatámos que os vendedores, maioritariamente jovens, conversavam sobre as eleições de 15 de Outubro. Chegámos mais próximo e perguntámos: "Como vai a vida?" Primeiramente, mostraram alguma relutância e receios, mas, depois de algum tempo, responderam que estava tudo normal. Fomos falando sobre o negócio que desenvolviam, com o intuito de nos familiarizarmos e permitir que eles se sentissem mais à vontade para se expressarem. Disseram que o negócio era pouco rentável, mas dava para "aguentar com a vida" e sustentar suas famílias.

No desenrolar da conversa, foram falando sobre outros aspectos da vida do dia-a-dia e, mais à vontade, falaram da situação no distrito, desde questões económicas e sociais, às questões políticas. Sobre o emprego, por exemplo, diziam que este era quase que inexistente em Murrupula, mesmo para os que haviam estudado:

"Aqui não há emprego, muitos jovens não trabalham. Mesmo tendo estudado, não encontramos emprego. Por exemplo, eu já terminei a 10ª classe, mas não tenho o que fazer. Estou aqui vendendo óleo e sal de cozinha. Veja aquele jovem que está vendendo repolho, ele já tem a 12ª classe, mas não tem emprego".

Enquanto um dos jovens se pronunciava, os outros iam acenando em sinal de concordância. Então, perguntámos se no distrito não havia fábrica que os pudesse empregar. Responderam que só havia uma, a de processamento de castanha de cajú, mas, segundo eles, esta empregava poucas pessoas e, quando tal acontece, é, sobretudo, para actividades sazonais. Salientaram ainda que, mesmo que a fábrica providenciasse vagas, não valia a pena trabalhar nela, pois o trabalho era pesado e a remuneração muito baixa.

Nas conversas que tivemos com vários jovens ao longo

da nossa estadia em Murrupula, a questão da falta de oportunidades de emprego foi a reclamação que ouvimos mais frequentemente não só nas localidades afastadas como também na própria vila sede do distrito. Nestas circunstâncias, para alguns jovens, a saída tem sido o comércio informal.

Decidimos então visitar essa fábrica, que era a única unidade industrial que funciona na vila sede de Murrupula. Trata-se de uma pequena fábrica de processamento de castanha de cajú, a "Indústria de Processamento de Castanha de Cajú de Murrupula" (IPCCM). A fábrica emprega cerca de 200 trabalhadores, na sua maioria oriundos das diferentes povoações do distrito de Murrupula. Apenas seis trabalhadores são provenientes de outros distritos das províncias de Nampula e Zambézia.

Chegámos à fábrica por volta das onze horas da manhã, portanto, em plena actividade laboral. De imediato fomos atendidos pelo guarda de serviço que, depois de uma breve conversa, nos encaminhou ao chefe de produção, um jovem, vestido com uma camiseta e boné, ambos de propaganda eleitoral da Frelimo e seu candidato presidencial. Diferentemente da maioria dos trabalhadores da unidade industrial, o jovem responsável de produção é natural de Angoche e está na empresa há mais de seis anos. Por se tratar de período de campanha eleitoral e, por isso mesmo, politicamente tenso, o sentimento de desconfiança para connosco era visível no semblante do jovem chefe de produção. Por isso, sem tardar, tratámos de esclarecer o propósito da nossa visita a Murrupula e, particularmente, o nosso interesse em visitar a fábrica. Depois da nossa explicação, o jovem disse-nos que para visitar a fábrica tínhamos que obter a autorização dos donos, que moram mesmo no recinto da unidade industrial, em casas de alvenaria. Concordámos. De imediato ele foi ter com os proprietários da fábrica, que vieram ao nosso encontro. Eram três homens de

nacionalidade indiana. Para a nossa surpresa, os donos da fábrica estavam também vestidos com camisetas de propaganda eleitoral da Frelimo e do seu candidato. À semelhança do jovem chefe de produção, os proprietários da fábrica também mostraram uma certa desconfiança em relação à nossa visita. Talvez pensassem que se tratava de uma visita de inspecção do sector de trabalho. Depois de alguns minutos de conversa, perceberam que não era isso e autorizaram-nos a visitar a fábrica. O chefe de produção foi o nosso guia.

A visita durou cerca de meia hora. Vimos os trabalhadores em plena actividade de descaroçamento da castanha de cajú. A maioria destes trabalhadores é constituída por jovens com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos. Alguns tinham consigo, nas bancas de trabalho, cartazes de propaganda eleitoral da Frelimo. Não vimos nenhum material de propaganda de outros partidos políticos. Isso não significa necessariamente que entre os trabalhadores não houvesse simpatizantes do MDM, da Renamo, do PDD, etc. Simplesmente, numa situação em que os proprietários da fábrica ostentam símbolos de propaganda eleitoral da Frelimo, tal como nos referimos acima, seria difícil esperar que um trabalhador levasse consigo para o seu local de trabalho material de propaganda eleitoral de outros partidos políticos.

O trabalho na fábrica é árduo e feito em condições difíceis de segurança e higiene. Embora não nos tivesse sido permitido conversar com os trabalhadores, foi possível perceber que, no contexto de Murrupula, caracterizado por escassez de oportunidades de emprego, os trabalhadores da IPCCM são uma minoria privilegiada pelo facto de ter um emprego.



Os “vientes”

Murupula

Estávamos há dois dias no distrito quando decidimos ir até ao posto administrativo de Chinga. Quando lá chegamos, logo no centro da vila sede, encontrámos um grupo de jovens sentados num pequeno mercado. Para começar a conversa, perguntámos como ia o negócio, ao que responderam: “Está a andar assim mesmo”. De princípio, pensávamos que todos os jovens que ali estavam eram comerciantes, mas, com o desenrolar da conversa, percebemos que alguns estavam só sentados a conversar. Perguntámos então a esses como ia a vida. Olharam para nós e abanaram as cabeças, como se dissessem: se vocês soubessem! Mesmo antes de falarem, aquele gesto dava a entender que alguma coisa não estava bem. Então um deles, um jovem aparentemente mais à vontade, acabou dizendo que a vida estava difícil. Perguntámos porquê e ele disse:

“A vida está muito difícil por aqui. Não há emprego. As pessoas que trabalham na administração são todas “vientes”[1] da cidade de Nampula e de Murupula sede. Até os serventes são vientes, mas aqui tem pessoas que sabem ler e escrever. Será que não podiam, pelo menos, ser serventes?”

Nessas condições, segundo os jovens, o seu dia-a-dia resume-se em ir a machamba, voltar a casa e dormir, ou ficar nas imediações do mercado a conversar. O descontentamento com o Governo local era evidente:

“Sempre vêm aqui e prometem muita coisa, mas não fazem nada. Por exemplo, eles sempre prometem trazer energia, mas até aqui não há energia”. Um dos jovens, por sinal membro activo na campanha da Frelimo e responsável pela afixação de panfletos em Chinga, explicitou abertamente o seu descontentamento. Contudo, quando questionado sobre as razões do seu forte engajamento, respondeu: “Não se pode deixar a casa cair a ver”. [2]

[1] O termo “vientes” refere-se a pessoas oriundas de outros pontos da província de Nampula, como por exemplo, Moma, Angoche, Cidade de Nampula, bem como a própria vila sede do distrito de Murupula, que, segundo os jovens locais, ocupam empregos em detrimento dos nativos..

[2] Por de trás desta atitude estava o facto de que não apoiar publicamente o partido no poder pode fechar as portas de acesso a oportunidades. Assim, mesmo contra os ideais do partido no poder, é necessário mostrar uma lealdade que na verdade não existe.



Foto de A Verdade (twitter).

Os “7 milhões” e o Chefe de Posto

Murrupula

Em Murrupula, o problema dos jovens não são só os “vientes”. Para além da falta de emprego, três jovens comerciantes entrevistados no Mercado do Controlo referiram as dificuldades no acesso aos 7 milhões. Alegaram haver muita dificuldade no acesso a este fundo, sobretudo por causa de esquemas de corrupção. Segundo eles, os 7 milhões eram distribuídos entre os funcionários da administração e pessoas próximas do Chefe de Posto:

“Para ter aquele dinheiro não é fácil, é preciso fazer “cunha”, dar algum dinheiro ao Chefe de Posto para que ele facilite o processo. Por vezes você pode dar dinheiro ao Chefe de Posto e não receber nada. Quem leva aquele dinheiro são pessoas que têm. Um pobre qualquer não recebe esse dinheiro. Por exemplo, muitos “cunharam” o Chefe do Posto e não receberam nenhum dinheiro, nem foram devolvidos os seus valores. Essas pessoas reclamavam pelo menos a devolução dos seus valores. O Chefe de Posto daqui era muito bandido e tinha muitos problemas com população. Agora ele foi transferido. Quando o governador da província visitou o distrito, a população reclamou e pediu a sua retirada imediata e, pouco tempo depois ele foi transferido. As pessoas brincam muito mal por aqui. Qualquer um que é mandado para governar aqui, apanha as pessoas enquanto puseram “óculos de madeira”. [1]

Por isso, apesar da substituição do Chefe de Posto de Murrupula sede, desta vez por uma mulher, algumas pessoas ainda duvidam que a situação possa ser alterada. Estas dúvidas não são exclusivas de Murrupula sede. São também comuns entre alguns cidadãos do Posto Administrativo de Chinga, onde a figura do Chefe de Posto parece ser fortemente contestada, justamente por causa das práticas corruptas, sobretudo na distribuição dos 7 milhões.

[1] A expressão “óculos de madeira” foi usada metaforicamente para referir a “cegueira” da população face aos inúmeros problemas e abusos criados pelos administradores e chefes do posto enviados para Murrupula.



Foto de macua.blogs.com

Votar para a mudança

Murrupula

Numa conversa com alguns jovens no Mercado do Controlo, notámos que havia uma grande desilusão em relação à maneira como o Governo funcionava naquele distrito. Os jovens falavam abertamente da sua insatisfação, alegando que o Governo nada fazia para melhorar suas vidas e que, apesar das promessas eleitorais, a Frelimo nunca cumpria: “Desta vez nós vamos votar, não há maneira! Nós queremos votar para mudar; estamos cansados”, respondeu um dos jovens envolvidos na conversa. Quando o jovem falou de mudar, ficámos com a impressão de que pretendia votar na oposição. Insistindo na questão da mudança, para saber a que se referiam, percebemos que se referiam de facto à intenção de votar na Renamo e em Afonso Dhlakama, conforme se percebe da seguinte passagem:

“Por isso, desta vez vamos embora. A gente está com Dhlakama. Não há favor! Ganhar, não ganhar, vamos votar na Renamo. Não é possível desta vez perder e em 2019 também perder. Isso não vai acontecer. Se não ganha desta vez, em 2019 vai ganhar. Não vai falhar”.



SECÇÃO 5

Abstenção

A distância das mesas de voto e a desorganização do processo de votação são factores de abstenção

Os textos desta secção ilustram três diferentes factores que contribuem para a abstenção. Obviamente, trata-se apenas daqueles que explicitamente apareceram ao longo do nosso trabalho e o fenómeno não deve ser a eles reduzido.

Vimos que a desorganização nas mesas de voto, as demoras prolongadas nas bichas e os comportamentos destinados a favorecer o voto dos amigos suscitam fortes críticas dos eleitores e podem levá-los a desistir de votar. As grandes distâncias, observadas em Murrupula, também constituem um forte desincentivo ao voto. Mas também constatámos a radicalização abstencionista da parte de alguns eleitores insatisfeitos com a governação. Aparentemente, no seio da juventude das camadas sociais mais pobres e urbanizadas há uma dupla tendência: uma parte adopta uma postura abstencionista, enquanto outra se politiza e tende a mobilizar-se em favor da oposição.

Os amigos votam primeiro

Manjacaze

Na vila sede, no Bairro Liberdade, estavam instalados muitos postos de votação, alguns dos quais registaram enchentes e muita confusão. Nesses locais, algumas pessoas bem conhecidas organizavam as filas e permitiam que pessoas conhecidas passassem à frente, o que, de certa forma, criava descontentamento nos que haviam chegado mais cedo. Foi possível neste processo ouvir-se vozes que gritavam: “Se não querem para nós votarmos, digam. Para irmos embora”.



Mesas de voto distantes

Murrupula

Nas eleições de Outubro de 2014, o distrito teve 34 locais de votação distribuídos pelos seus três Postos Administrativos, com um total de 113 mesas.[1] No dia da votação, visitámos o Posto Administrativo de Chinga, que fica a 42 Kms da vila sede. Cerca de 20 Kms antes de chegarmos à sede do posto, duas senhoras pararam o nosso carro para pedir boleia para Chinga. Eram cerca das nove horas e meia da manhã. As senhoras subiram e de imediato as eleições foram o tema da conversa. Começaram por nos dizer que tinham tido muita sorte em apanhar a nossa boleia porque se fossem a pé só poderiam chegar a Chinga por volta do meio-dia.

Perguntámos o que iam fazer a Chinga. Em coro responderam: “votar!” Uma delas, que era responsável da OMM a nível da sua povoação, começou a lamentar sobre a distância que tinham que percorrer para chegar ao posto de votação, localizado na Escola Primária Completa de Chinga:

“Nós já devíamos estar a caminho de Chinga muito mais cedo. Atrasámos porque primeiro tínhamos que terminar os trabalhos domésticos. Há gente da nossa povoação que saiu ontem à tarde para ir pernoitar lá em Chinga para poder votar. Eles decidiram ir ontem porque estavam com receio de chegar muito tarde e encontrar filas muito longas. Por isso, foram ontem para poderem ser os primeiros a votar. Nós, como não tínhamos alguém para ficar a tomar conta das nossas casas, não conseguimos ir dormir lá em Chinga. Aqui, através do partido [Frelimo], conseguimos mobilizar muita gente para ir votar. Mesmo esses que foram dormir lá em Chinga, foram graças ao nosso trabalho de mobilização”.

No meio da conversa, a senhora responsável da OMM foi-nos contando também sobre o recenseamento:

“Durante o recenseamento, o STAE do distrito de Murrupula enviou uma brigada móvel para a nossa zona e muita gente foi recensear-se. Mas,

hoje, dia da votação, não há nenhuma mesa lá. Há gente que vai votar a Chinga e outra gente vai a Napapara. Para o meu caso, por exemplo, eu vou a Chinga, mas o meu marido saiu de manhã muito cedo para ir votar a Napapara. Lá também é muito longe”.

Depois de meia hora de viagem de carro, chegámos à sede do posto administrativo de Chinga e dirigimo-nos directamente ao posto de votação da escola, que tinha três mesas de voto. Eram cerca das dez horas da manhã e estava um dia de muito sol e calor. Encontrámos duas mesas com longas filas, atendimento muito lento e com uma certa falta de organização. No pátio da escola havia muita gente sentada à espera da sua vez, que demorava chegar. Falámos com algumas pessoas que nos disseram que tinham chegado ao posto de votação no dia anterior, que tinham dormido ali, e, praticamente três horas depois da abertura das urnas, ainda não tinham conseguido votar. Alguns estavam visivelmente revoltados com a situação, equacionando a possibilidade de abandonar o posto de votação sem votar.

[1] No Posto de Murrupula sede, 74 mesas para um total de 49 959 eleitores inscritos; no Posto de Nihensiué, 21 mesas para um total de 13 967 eleitores; no Posto de Chinga, 18 mesas para um total de 11 247 eleitores.



Estou cansada desses

Manjacaze

Porque era dia de eleições, não esperávamos que algum serviço estivesse aberto, mas, para o nosso espanto, um estabelecimento comercial e uma das bombas da vila de Manjacaze estavam abertos. Conversámos com uma funcionária do estabelecimento comercial e quisemos saber se estava entusiasmada com o dia. Disse que não ia votar porque não queria e adiantou:

“mas também o patrão não fecha os seus estabelecimentos porque os clientes não são culpados. Eu recebo ordens do ‘mulungo’ (patrão), não da Frelimo. A Frelimo, que diz para irmos votar, não é meu patrão. Meu patrão é quem me paga. Não tenho medo deles e estou cansada desses”.

Perguntámos se não tinha medo do “controlo dos dedos”, ao que nos respondeu: “Mesmo se vierem, vão-me fazer o quê? Já não tenho medo. Estou cansada eu. Experimentem vir aqui!”.

Ao longo das estradas, já no período da tarde, talvez porque nos confundissem com elementos da liderança local, os mais velhos quando cruzassem connosco faziam sempre um gesto inusitado: levantar a mão em colectivo e com o dedo indicador bem visível, revelando a presença da tinta que confirmava terem votado.

Porém, o mesmo já não acontecia com muitos dos jovens com que nos cruzávamos, pois frequentemente metiam as mãos nos bolsos e evitavam cumprimentar-nos. Nessas situações, parávamos e questionávamos se já haviam ido votar, ou não. Alguns diziam que sim, mas a ausência de tinta no dedo denunciava a mentira. Outros diziam que estavam a caminho e outros ainda diziam que estavam a voltar porque a mesa de voto estava cheia. Neste último caso, aproximando-nos das mesas de voto, descobríamos que era mentira, pois em geral estavam vazias.



SECÇÃO 6

Dificuldades logísticas

A desorganização e os problemas logísticos facilitam, quando não resulta, as práticas de fraude

Embora tenha havido desde 1994 uma grande instabilidade na composição e nos membros da Comissão Nacional de Eleições (CNE) e nos seus órgãos locais a nível de província, distrito e cidade, o Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE) tem conhecido uma relativa estabilidade. Seria, pois, de esperar que a organização e a logística dos processos eleitorais, não obstante as frequentes alterações na legislação eleitoral, fossem sendo cada vez melhores. Na verdade, as eleições de 2014 mostraram que tal não é o caso.

Os órgãos de gestão eleitoral não só foram incapazes de garantir uma organização adequada do processo, como também demonstraram serem susceptíveis de interferências partidárias ao ponto de comprometerem a sua necessária independência e neutralidade. É muito difícil por vezes distinguir a simples desorganização da fraude, mas ambas foram uma das principais características das eleições de Outubro de 2014.

Os textos desta secção ilustram as dificuldades enfrentadas pelos membros das mesas depois de concluídos os seus trabalhos. Pudémos constatar, ao mesmo tempo, que a presença de delegados de lista e membros de mesa escolhidos pelos partidos da oposição em zonas de hegemonia da Frelimo (Gaza) é uma mera formalidade, pois não podem combater as práticas fraudulentas sem comprometer seriamente a sua posição na comunidade.

O sono da oposição

Manjacaze

No dia das eleições, quando passámos por alguns locais de votação, depois das nove horas da noite, eram muitos os membros de mesas que dormiam. Curiosamente, a maioria dos que dormiam eram dos partidos da oposição. Os membros das mesas de voto da Frelimo, os únicos com lanternas, bem como os presidentes e vice-presidentes de mesa encontravam-se sempre acordados.

Por exemplo, na mesa de Macupulane, enquanto acompanhávamos a contagem dos votos, pudemos observar a delegada da Frelimo escrevendo uma mensagem sms para uma observadora, para que saísse porque o “chefe” estava lá fora com a sua refeição. Entretanto, a escrutinadora do MDM e o seu bebé com menos de um ano, dormiam no chão por cima dum papelão, com um plástico a cobrir para evitar os mosquitos, enquanto a presidente e a secretária da mesa iam alterando os seus momentos do sono e de contagem dos votos. Encontrámos este tipo de situação recorrentemente.



Nos ultrapassam aqui mesmo

Murruapula

Um dia depois da votação, a 16 de Outubro de 2014, saímos da cidade de Nampula em direcção ao distrito de Murruapula, por volta das oito horas da manhã. Passámos por algumas escolas da vila a fim de ver os editais contendo os resultados das eleições. Próximo à Escola Primária de Tapatero, deparámo-nos com alguns membros de mesas de voto. Alguns, cansados, dormiam ao relento, aguardando a chegada do carro do STAE. Um dos presidentes de mesa informou-nos que, depois de ter terminado o processo de votação, ficaram ali nos postos de votação desde as três horas da manhã até àquele momento (eram então onze horas) sem nenhum contacto do STAE:

“Estamos aqui desde às três horas da madrugada, depois de terminado o processo de contagem e publicação dos resultados. Tentámos ligar para os responsáveis do STAE, que ficam ali perto da praça [indicando com o dedo], mas disseram que viriam. Veja que horas são! São onze horas. Isso quer dizer que eles esqueceram-nos. Nós sabemos que, para o STAE, só queriam que fizéssemos o trabalho deles e daí já não lhes interessa nada. Enfim, o STAE nos esqueceu”.

Continuando a nossa visita à volta da vila de Murruapula, seguimos até ao posto de votação da Escola Primaria Completa de Nivuraco. Aqui, também encontrámos alguns membros das mesas de voto a dormir. A um que acordou, perguntámos o que se passava:

“Sabes, o STAE desde que acabou a eleição, só estamos a ver eles a passarem de carro ali na estrada e vão noutros sítios, mas nos ultrapassam aqui mesmo. Nós estamos cansados por isso estamos a dormir”.

Mais tarde, por volta das três horas da tarde (quase vinte e quatro horas depois do encerramento da votação), quando já regressávamos à cidade, os

membros das mesas ainda se encontravam no local, aguardando a chegada dos funcionários do STAE...



SECÇÃO 7

Convivência democrática

A actuação partidária da polícia e dos órgãos de justiça é fonte de violência eleitoral

Foi possível constatar no terreno que, em geral, havia sinais de maior espírito de tolerância política convivência democrática nas zonas onde a Frelimo tem tido menor apoio eleitoral. Ao contrário, nas zonas de maior influência da Frelimo, há uma tendência para se observarem situações de intolerância e exclusão, que tendem a degenerar em violência. É de salientar, no entanto, que em locais mais urbanizados e onde há uma grande concentração de jovens, como é o caso dos mercados, tende a existir um ambiente muito mais tolerante. Com efeito, é digno de realce que no mercado de Manjacaze, por exemplo, fosse possível a “coexistência pacífica” de bandeiras da Frelimo e do MDM (mas, apesar de tudo, nenhuma da Renamo!).

Não obstante essa tendência para o crescimento do espaço democrático, os momentos de contagem e apuramento dos resultados eleitorais são críticos, tal como se pôde observar, por exemplo, na cidade de Nampula, onde a desconfiança extrema entre os partidos da oposição e o partido no poder, ela mesma alimentada pelas práticas fraudulentas muito numerosas e pela impunidade de que gozam os seus autores, resultou em violência.

A frequente cumplicidade da polícia e dos órgãos da justiça, que deveriam velar pelo estrito cumprimento da lei, com actos de fraude em benefício do partido no poder, não só mancha e desacredita as eleições, como fomenta um clima de confrontação com aqueles - particularmente os jovens - que querem defender o seu voto.

Convivência democrática

Murrupula

Chegando ao distrito de Murrupula, logo à entrada da vila sede, num mercado localizado na berma da estrada, vimos penduradas três bandeiras de partidos diferentes (Frelimo, Renamo e MDM) separadas por poucos metros. Para além das bandeiras, vimos igualmente que muitos comerciantes traziam camisetas e tinham cartazes de diferentes formações partidárias, sem que isso criasse nenhuma agitação, visto que as pessoas realizavam as suas actividades comerciais normalmente.

Assim, decidimos aproximar-nos e conversar com alguns comerciantes do mercado por forma a obtermos algumas explicações para aquela “situação” surpreendentemente “democrática”. Com efeito, em geral responderam que cada um tem o seu partido e o facto de as bandeiras estarem próximas não era problema, pois cada um sabia em quem ia votar.

Mais tarde, quando fomos para o Posto Administrativo de Nihessiue, também verificámos a mesma situação. Logo à entrada da vila sede do posto estavam penduradas bandeiras e dísticos da Frelimo, da Renamo e do MDM. E de novo, em conversa com algumas pessoas que estavam próximas do local para saber como encaravam aquele facto, mais uma vez nos foi dito que não havia problema algum, pois cada partido estava “a fazer o seu trabalho”.



Intolerância política e violência eleitoral

Nampula

O último dia da campanha eleitoral foi calmo em Murrupula. Mas na cidade de Nampula foi diferente. Foi um dia muito agitado por causa do comício de encerramento da campanha eleitoral de Afonso Dhlakama. O comício de Dhlakama tinha o início marcado para as três horas da tarde. A partir do meio-dia, a agitação na zona do Estádio 25 de Setembro era visível. Muita gente se dirigia ao estádio, gente de todas as idades, embora predominassem os jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 30 anos. Visivelmente, tratava-se sobretudo de jovens oriundos dos bairros periféricos da cidade de Nampula e pertencentes às camadas sociais mais desfavorecidas, como vendedores do sector informal e desempregados. Os “chapas” que circulavam na via que dava acesso ao estádio estavam repletos de gente. Muitos iam ouvir o discurso de Dhlakama, como um dos passageiros de um dos “chapas”, que apressadamente desceu na paragem junto ao estádio e ia dizendo: “Deixem-me passar, deixem-me passar, deixem-me passar. Estou com pressa. Quero ir ouvir o meu líder [Dhlakama].”

A simpatia por Dhlakama transparecia nas conversas de rua da cidade, sobretudo de gente humilde, incluindo no seio de eleitores que anteriormente tinham votado em favor da Frelimo, como era o caso de um funcionário de uma bomba de combustível que, um dia antes da chegada de Dhlakama a Nampula, nos contava:

“Eu sempre votei na Frelimo e a minha mulher também. Mas, desta vez, eu disse à minha mulher: vais-me perdoar mas, desta vez eu vou votar no Dhlakama”.

Ele era um antigo trabalhador dos CFM - Norte, que tinha sido abrangido pelo processo da racionalização da mão-de-obra dos anos 1990, que culminou com despedimento de muitos trabalhadores. Até hoje ele considera-se injustiçado pela maneira como o processo decorreu e sobretudo pelo valor, que ele considera insignificante, da indemnização que recebeu. Percebemos que a sua simpatia por Dhlakama era

alimentada em grande medida pelo seu sentimento de injustiça em relação ao despedimento dos CFM.

Entretanto, nas imediações do estádio, rapidamente a segurança foi reforçada e a partir de um dado momento a circulação de viaturas foi interrompida. Começaram então a surgir relatos de cenas de violência nos “chapas”. Violência praticada sobretudo por jovens simpatizantes da Renamo contra indivíduos que, eventualmente, tivessem consigo qualquer símbolo de propaganda eleitoral da Frelimo. Houve mesmo relatos de pessoas que foram obrigadas a abandonar um “chapa” pelo facto de terem um boné ou uma camiseta com o símbolo da Frelimo ou a imagem de Nyusi.

Rapidamente o estádio encheu. O comício começou e o ambiente foi-se tornando cada vez mais animado com o discurso de Dhlakama. Para além de membros e simpatizantes da Renamo, havia também muitos cidadãos simples e um bom número de observadores nacionais e internacionais. O comício terminou perto das seis da tarde e os ânimos dos jovens simpatizantes da Renamo estavam exaltados. Naquele contexto, identificar-se como alguém da Frelimo era perigoso e implicava um alto o risco de sofrer uma agressão.

Três dias depois aconteceu a votação, no dia 15 de Outubro. Durante o dia, o ambiente na cidade de Nampula foi relativamente calmo. Mas a situação mudou dramaticamente no final do dia, sobretudo quando começou o processo de apuramento nas mesas de voto. Tínhamos passado todo o dia no distrito de Murrupula e, no final do dia, decidimos voltar para a cidade de Nampula onde chegámos por volta das seis e meia da tarde. Dirigimo-nos imediatamente para a Escola Comercial e Industrial de Nampula, no centro da cidade, onde funcionavam muitas mesas. Quando chegámos, a votação ainda decorria em algumas mesas e ainda era possível ver filas de gente que esperava para votar. Cerca das oito

horas da noite, todas as mesas já tinham encerrado, estava a começar o processo de apuramento e com ele um certo nervosismo por parte dos mandatários das candidaturas presentes nas mesas.

Decidimos então ir ver, por uns instantes, o que se estava a passar em outros postos de votação na periferia da cidade de Nampula. Fomos à Escola da Serra da Mesa. Quando íamos entrar no bairro, constatámos que o bairro estava às escuras... Tinha havido um apagão em alguns bairros periféricos da cidade, o que nos pareceu muito estranho numa noite eleitoral! Mas, mesmo assim, decidimos avançar para ver o que se estava a passar. Aproximámo-nos da escola e começámos a notar um ambiente algo tenso e estranho. Havia um grupo de jovens agitados, gritando “não queremos Nyusi e a Frelimo”. Um deles, aproximando-se de nós com uma lanterna nas mãos e deu-nos ordens para abandonar imediatamente o local... Tentámos resistir, insistindo que queríamos saber o que estava a acontecer e inclusivamente mostrámos os nossos crachás de “observadores”. Mas o jovem, sem nenhuma hesitação disse-nos:

“Esses crachás não vos permitem fazer nada. Isso aí [crachás] pior ainda. Querem que eu chame o meu grupo agora?”

Ainda o jovem falava connosco, quando um grupo de quinze a vinte jovens cercou o nosso carro e obrigou-nos a abandonar o local à força. Rapidamente a tensão tinha subido e começaram a gritar palavras de ataque contra nós, suspeitando que fôssemos pessoal dos órgãos de gestão eleitoral, ou simpatizantes da Frelimo. Acabámos, pois, por abandonar rapidamente o local e voltámos para o centro da cidade.

Trinta minutos depois chegavam-nos relatos de distúrbios e confrontos com a polícia em vários pontos

da cidade protagonizados por jovens que bloqueavam ruas e queimavam pneus e algumas viaturas, confrontos que assumiam particular intensidade precisamente no bairro de onde tínhamos saído apressadamente por temer a violência.





ECC00304432 (9)

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
COMISSÃO NACIONAL DE ELEIÇÕES
EDITAL CONTAGEM DE VOTANTES E DOS BOLETINS DE VOTO
DATA 15/02/14

PROVINCIA NAMPULA DISTRITO/CIDADE NAMPULA

LOCALIDADE LINDANO CENTRAL LOCAL ESCALA 3 DE FLECHAS

Código da Assembleia de Voto
(Nº do Cadastro Principal)

03000102

Nº das Cadeiras Complementares

ELEIÇÕES GERAIS E DAS ASSEMBLEIAS PROVINCIAIS

	PR		AR		AP
Número de Votantes	515	Número de Votantes	515	Número de Votantes	515
Número de Votos na Urna	515	Número de Votos na Urna	515	Número de Votos na Urna	515

Assinatura dos Membros da Mesa e Carimbo

Instituto de Estudos Sociais e Económicos

Av. Tomás Nduda 1375
Maputo, Moçambique

www.iese.ac.mz

1. Presidente

[Signature]



2. Presidente

[Signature]